

Aula 6ª feira

Fenomenologia

Pergunta fundamental "O que não pode ser duvidado?"

"eu penso algo" esse fato não pode ser suspenso.

eu transcendental
pensar - parte noética
algo - noemático

reflexão epoche

Suspensão de todo juízo.

Tranquendo o mundo.

Localizações cultural e histórica de H.

Diana Yoga - fenomenologia (paralelos)

Epoche - concentração (parentesis - yoga) | redução - meditação |
desvendando do eidos - samadhi.

O Subjeto transcendental - Atman | fenômeno - uaiça | eidos - Brahman
dedução formal e rigorosa da matemática, lógica e ética - karma.

Fenomenologia.

Mais de uma vez tive ocasião de dizer que ás nossas discussões falta uma dimensão, a dimensão da fenomenologia. Resolvi, portanto, interromper o fio da narrativa, que consiste em elaborar conceitos individuais a partir de suas origens até os nossos dias. Dedicarei esta noite á discussão de uma corrente de pensamento que, talvez mais de que todas as outras, influí na formação intelectual do presente e possivelmente influirá ainda mais de cidadamente no futuro imediato.

Husserl morreu na convicção de ter criado uma filosofia básica, uma primeira filosofia de ter realizado o antigo sonho dos gregos: de ter construído um fundamento, sobre o qual todas as ciências, todas as religiões e todos os sistemas estéticos podem ser reduzidos. E Husserl morreu em 1938. Nutrir uma convicção tão fabulosa em nossos dias desencantados, é por si só sinal de um patos que merece ser admirado. Muito mais surpreendente ainda é a fertilidade da fenomenologia que conseguiu não somente influenciar pensadores tão diferentes como Heidegger, Russel e Hartmann, mas também provocar diretamente e indiretamente movimentos tão disparates como a pintura chamada "concreta" e um misticismo superlógico que começa a surgir na Europa. Tentarei dar, em primeiro lugar, um esboço ligeiro daquilo que creio ser a essência da fenomenologia, para depois me aventurar na tentativa de localizar essa ordem de ideias no conjunto do pensamento moderno:

Toda corrente filosófica é caracterizada pela pergunta que lhe parece ser a pergunta fundamental e decisiva. Assim, para dar uns poucos exemplos, diria que a pergunta dos cristãos é: "Qual é a finalidade da vida?", a pergunta platónica: "O que é a sabedoria?", a pergunta marxista: "Como criar um mundo perfeito?", a pergunta de Heidegger: "Porque não há somente o nada porque existe algo?", a pergunta de Camus: "Porque não me mato?". A pergunta básica das pesquisas fenomenológicas é, creio eu, a seguinte: "O que não pode ser duvidado?". Coloca-se, portanto, a fenomenologia na correnteza de pensamento iniciada nos tempos modernos por Descartes, e como para Descartes, assim também para a fenomenologia, é o método de filosofar que é importante, e não o resultado. Em Descartes o método consiste na dúvida sistemática, para assim chegar á algo que não pode ser duvidado. Na fenomenologia o método consiste na suspensão radical de todo juízo, para assim chegar a algo que transcende a possibilidade de ser suspenso. Descartes ensina que o fato de eu pensar não pode ser duvidado, porque a própria dúvida desse fato seria um pensamento meu. Husserl cre que essa análise cartesiana não é suficientemente profunda. Não é suficiente dizer que penso, é preciso dizer que penso algo. Eu posso suspender o meu juízo quanto ao Eu que pensa, e quanto ao pensamento, e quanto áquele algo pensado, mas o fato de "eu penso algo" não pode ser suspenso. O próprio cogito ergo sum é um juízo que posso suspender, mas ao suspender-lo, penso algo. E mesmo fazendo uma regressão ao infinito desse juízo suspenso sempre ficará um residuo insuspensável, que é justamente o "pensar algo".

Creio que das poucas palavras que disse já podem ser deduzidos os conceitos básicos que regem a fenomenologia. Na frase "eu penso algo" distingo tres elementos: o Eu transcendental, a subjectividade transcendental para a qual a lingua não me dá palavra melhor que "eu". O pensar, a parte noética, aquilo que experimenta. E o algo, a parte noemática, aquilo que é experimentado. A frase: "eu penso algo" é um ato de experiencia, e esse ato é intencional, no sentido de a noesis (o pensar) intender o noema (o pensado). Nesse ato aquilo que é intencionado, o noema, aparece, torna-se fenomeno, daí a palavra "fenomenologia". Mas aparece devido a uma atividade especial, devido á reflexão, e esta reflexão é o virar-se do pensamento contra si mesmo. A fenomenologia é o método da reflexão, é a tecnica do virar do pensamento contra si mesmo. Essa tecnica consiste na epoché, na suspensão radical do juízo. Essa suspensão não é uma dúvida, é simplesmente o afastamento do pensamento, o problema é posto em parentesis e deixado pacientemente do lado. Progressivamente todos os problemas são assim postos em parentesis e postos do lado, o mundo inteiro é posto em parentesis, e o pensamento é reduzido fenomenologicamente até revelar o feno-

Fenomenologia.

meno em sua essência, em seu eidos. Todo elemento empírico terá assim sido eliminado, e o que será revelado será a estrutura pura e invariável. Desta forma é, por assim dizer, apalpado o eidos, a essência da coisa, pelo pensamento da subjetividade transcendental, e assim revelado.

Receio que aquilo que acabo dizer é muito obscuro, principalmente para aqueles entre Vocês que nunca se ocuparam com os problemas da fenomenologia. Isto não deve ser motivo de surpresa. Husserl sempre se queixou de não ter sido compreendido, a tal ponto que se recusou de responder críticas, porque declarava que eram baseadas em malentendidos. O fato de não ter sido compreendida a fenomenologia no entanto não diminui a sua influência sobre o pensamento moderno. Não sei, até que ponto eu próprio a compreendi, a despeito de ter sido profundamente impressionado por ela, e tentarei explicar o que ela significa para mim em minhas próprias palavras. Até agora creio que tenho utilizado quase exclusivamente palavras hussérianas.

O homem ingênuo é posto no meio de um mundo infinito em tempo e espaço cuja realidade ele não duvida. Desse mundo fazem parte as diferentes coisas, e os outros homens, e ele próprio faz parte desse mundo. Mas, além disso, ele percebe e compreende o mundo, e neste sentido o transcende, porque o mundo compreendido faz parte, de certa forma, da mente do homem. O homem ingênuo se dá conta dessa contradição somente quando começa a refletir, isto é quando o seu pensamento se vira para dentro contra si mesmo. Da confusão que resulta dessa reflexão surgem as filosofias e as ciências, outras tantas tentativas de reduzir o mundo exterior, do qual o homem é parte, e o mundo interior, que é parte do homem, sobre um denominador comum, sobre a realidade. As filosofias e as ciências são, por assim dizer, reduções fenomenológicas primitivas e insuficientemente radicais e consequentes. A zoologia, para dar um exemplo, põe o gato Felix em parentesis, ela o deixa em suspenso mediante uma epoché limitada, e reduz o conteúdo empírico do gato Felix ao conceito zoológico "gato". Mas aí ela para com sua redução fenomenológica, e começa a explicar o mundo zoológicamente. A física por sua vez, reduz o gato Felix em outra direção ao conceito digamos "corpo" ou "campo electromagnético" ou qualquer outro conceito. E aí ela para e explica o mundo fisicamente. A filosofia idealista reduz o gato Felix em outra direção a uma impressão da minha mente, e aí ela para e explica o mundo idealisticamente. Isto não quer dizer que as explicações da zoologia ou da física ou da filosofia idealista sejam necessariamente erradas ou certas, simplesmente quer dizer que as próprias explicações precisam ser postas em parentesis e superadas. Eram resultado de reduções fenomenológicas pouco radicais e até certo ponto erradas, porque forçaram os fenômenos a se enquadrarem em sistemas preconcebidos. A fenomenologia, entretanto, é um método isento de qualquer preconceito, ela acompanha pacientemente o fenômeno a ser reduzido e se deixa conduzir, por assim dizer, passivamente. Ela reduzirá o gato Felix até a sua essência, até os múltiplos elementos que intendo quando penso em gato Felix. O conjunto desses elementos em sua riqueza e plenitude serão o "objeto" gato Felix, e como tal serão compreendidos. Na base dessa minha redução fenomenológica radical do gato Felix à sua essência, poderei construir com exatidão rigorosa a física, a zoologia e a filosofia idealista da qual o gato felix é objeto em sentido mais restrito da palavra. E como os elementos essenciais do gato Felix que serão revelados por minha redução fenomenológica incluirão elementos axiológicos, isto é valores, poderei, a partir da minha redução, construir sistemas éticos e estéticos, dos quais o gato Felix é objeto em sentido restrito dessa palavra. E o que eu disse do gato Felix, se aplica também a fenômenos como "amor" ou "círculo quadrado". Em outras palavras, não somente fenômenos externos, também fenômenos internos como o amor podem e devem ser reduzidos fenomenologicamente. E não somente fenômenos chamados reais, mas também fenômenos chamados possíveis, ou duvidosos, e até fenômenos impossíveis como o "círculo quadrado" podem e devem ser reduzidos fenomenologicamente.

Alias, a redução fenomenológica desvenda o fato, de que a distinção entre realidade, possibilidade e irreabilidade são distinções baseadas em preconceito. Tudo que é pensado é real, e a pergunta, se atrás dessa realidade de ser pensado se esconde outra realidade "transintencional", deverá ser posta em parentesis e devemos pôr ela do lado. O mundo tal qual ele é revelado pela redução fenomenológica consiste de fenomenos reais e duvidar da realidade desses fenomenos seria impossível. A própria duvida da realidade desses fenomenos careceria de sentido. Seria duvidar do fato de que penso algo.

É verdade de que o mundo assim revelado não é um mundo necessario, eu posso perfeitamente pensar algo diferente. A diferença entre o mundo empirico da ciencia, o mundo da ilusão dos sentidos, e o mundo da fantasia desenfreada cai, por terra, e todos esses mundos são igualmente reais e consistem de fenomenos igualmente revelados pela fenomenologia. No entanto, há algo em comum entre todos esses mundos possíveis: a sua estrutura. Todos esses mundos podem ser pensados. Um mundo impensavel é um mundo impossível. Em consequencia posso deduzir rigorosamente a partir da minha redução fenomenológica transcendental de qualquer mundo possível certas ciencias exatas, que são resultado da estrutura de todos esses mundos. De acordo com Husserl são tres essas ciencias exatas, a priori, como diria Kant, são tres as ciencias que revelam a estrutura de todos os mundos possíveis: a matematica, a gramatica e a etica. Essas tres ciencias são estabelecidas de maneira formal e rigorosa, e independem de considerações psicologicas, contra as quais Husserl sempre se defendia. A psicologia tem um papel diferente no edificio Husserliano, do qual tratarei agora em poucas palavras:

É evidente que o método fenomenológico é um método psicologico, no sentido de ser uma disciplina do pensamento. A *epoché*, a distancia paciente do pensamento, é uma atitude mental, e a redução fenomenológica é uma atividade da mente. O penultimo estágio dessa redução é, portanto, confessadamente, a psicologia fenomenológica, a partir da qual é feita a irrupção para a fenomenologia transcendental, para falar em palavras husserlianas. Husserl afirma que a fenomenologia transcendental pode ser alcançada também por outros caminhos que não a psicologia, mas esses caminhos são, para mim, difficilmente imaginaveis. Na realidade foi atravez da psicologia que Husserl chegou a formular a sua filosofia.

No entanto, é caracteristico para o método em questão, que, a despeito de psicologico, foi formulado em constante luta contra o psicologismo. Isto é um ponto importante para a compreensão do sistema. Husserl usa a psicologia para chegar ao transcendental, e depois a abandona, por ter sido superada. A logica, a matematica e a etica, que são deduzidas dos seus fundamentos fenomenológicos, são libertos inteiramente de qualquer psicologismo. São disciplinas rigorosamente formais, que são estabelecidas a partir da essencia, do eidos, dos fenomenos, são as estruturas do mundo, e não da mente humana. A propria estrutura do fenomeno revela o seu carater matematico, logico e etico, e não a psique humana. É verdade que o fenomeno por si é por assim dizer um conteúdo da pensamento subjetivo transcendental, mas esse pensamento não é uma psique, é um "eu" somente porque falta uma palavra melhor em nossas linguas para descreve-lo. Esse eu transcendental não é, verdade seja dita, um eu diferente do eu revelado pela psicologia fenomenal, mas é um eu mais fundamental, um eu ultramundano. O eu psicologico é somente um aspecto superficial desse eu fundamental e ultramundano. Essa é a razão da luta de Husserl contra o psicologismo: ele estabelece a realidade além da alma humana. E a psicologia é, ela também, um conjunto de problemas que precisa ser posto em parentesis e deixado do lado.

Depois do exposto é quase desnecessario dizer que Husserl, antes de entrar para a filosofia especulativa, era formado em matematica e psicologia. No seu sistema essas duas disciplinas se entrelaçam, para se superarem majestosamente. Toda a fenomenologia pode ser considerada como uma síntese criadora entre a logica formal e a psicologia, que dá luz a um edificio de pensamentos metafisicos e religiosos.

Antes de passar a interpretar a fenomenologia á minha maneira, resumirei em poucas palavras aquilo que foi dito. Pelo método da redução fenomenológica são reduzidos os fenómenos a sua essência, ao seu eidos. Esse método consiste na atitude da epoché, da distancia paciente, e do "por entre parentesis" do mundo. Este afastamento do pensamento conduz justamente á revelação da coisa em toda a sua plenitude. Traja-se de um "réculer pour mieux sauter" e o pensamento se aproxima intimamente da essência do fenómeno que apalpa. Esse apalpar é a reflexão sobre o ato intencional do "pensar alguma coisa". Essa reflexão revela a base do fenómeno, a partir da qual podem e devem ser construídas todas as ciencias, artes, filosofias e sistemas éticos e religiosos. E tudo isto é construído de maneira rigorosa e exata, matematicamente e logicamente (isto é gramaticalmente). A fenomenologia é portanto o fundamento de todo o pensamento rigoroso humano, e todas as disciplinas humanas devem passar pelo exame da fenomenologia, se devem e querem ser científicas e exatas. A fenomenologia é a primeira filosofia no sentido classico da palavra, uma filosofia isenta de qualquer preconceito, inteiramente exata e rigorosa. E é, ao mesmo tempo, uma filosofia da vida, uma atitude filosofica para com o mundo. Não admira que Husserl a considerou como a matriz de todas as filosofias.

Contra o meu costume localizarei agora a figura de Husserl culturalmente e historicamente. Faço isto para iluminar esta ordem de ideias tão difficil a partir de uma camada de conhecimento que, por via de regra, evito. Creio que neste caso especifico ella é reveladora. Husserl é um semijudeu meio tcheco e meio alemão, proveniente, portanto, da mesma camada e do mesmo tipo de um Freud e um Kafka. Entre os seus professores se destaca um Frege, o matematico e logico, que originou o movimento em que surgiram Russell de um lado, Carnap e Wittgenstein do outro, e um Brentano, o qual, se me permittem dizer, é um irmão gêmeo de Marx, virado para o idealismo. No seu sangue intelectual corre a herança idealista do romanticismo alemão, do misticismo eslavo e da preocupação com a etica judia. O seu amigo da infancia era Masaryk, o fundador realista da Republica Tchecoslovaca. Era professor de filosofia na Alemanha, Natorp e Hartmann eram seus colegas, Heidegger e Jaspers seus estudantes. Em soma, Husserl representa aquilo que podemos chamar a Europa central antes e depois da Primeira guerra. Comprehendem talvez agora porque eu fiz a excepção de localizar historicamente um pensador, ao envez de considera-lo exclusivamente pelo merito de seu pensamento: o fiz para torna-lo humanamente comprehensivel.

Para apreciar a fenomenologia, necessitamos, creio eu, essa comprehensão humana. Secamente e friamente considerado, creio que a fenomenologia não é mais de que o ultimo refugio de um idealismo extremado. Mas não é assim que deve ser considerado. Trata-se da tentativa heroica de reunir e sintetisar os elementos psicologicos e místicos do pensamento alemão debaixo do signo da logica e da razão, para desta forma evitar o barbarismo esboçado por Schopenhauer e Nietzsche. Ou visto do outro lado, a tentativa heroica de reunir e sintetisar os elementos logicistas e formalistas do pensamento neo-kantiano e fregeano debaixo do signo de um pathos realmente filosofico, para evitar o barbarismo da filosofia oca. E dessa tentativa surgiu um método de meditação altamente fertil.

Não resta dúvida que a fenomenologia é uma especie de yoga. Não sei até que ponto Husserl e seus seguidores são concientes disso. Não sei por que caminhos tortuosos e misteriosos os ensinamentos indianos chegaram até a Moravia, aonde Husserl nasceu. Creio que a influencia Schopenhaueriana foi a mais fraca. Talvez os místicos judeus, os chassidim, tiverem, nessa corrente, uma importancia mais eminente. Não resta, no entanto, dúvida, que os paralelos entre a Djana yoga de um Vivekananda e a fenomenologia são grandes demais para serem acaso. A epoché corresponde á concentração, a parentesis corresponde ao yapa, a redução corresponde á meditação, o desvendar do eidos corresponde a samadhi. O Subjectivo transcendental corresponde ao atman, o fenómeno ao maia, o eidos a Brahman, a dedução formal e rigorosa da matematica, logica e etica corresponde ao karma.

Fenomenologia.

Não resta duvida que a atmosfera que prevalece em Husserl é diferente da atmosfera em Vivekananda. Husserl é um professor alemão, Vivekananda um Santo indiano. E, creio eu, Vivekananda é ainda muito mais radical e profundo do que a fenomenologia. Mas, em base, trata-se do mesmo método e do mesmo ensinamento.

É com Husserl, e não com Schopenhauer ou Nietzsche, que o pensamento oriental faz a sua incursão mais profunda no território da civilização europeia. E o maravilhoso é que Husserl não sabe disso. Foi influenciado por Husserl que eu comecei a me interessar pelo pensamento indiano, e creio que não sou um caso isolado. Em Schopenhauer as influências indianas são romantizadas e sensibilizadas. Em Husserl assumem, pela primeira vez, a sua forma rigorosa e exata. E é em Husserl que são tão perfeitamente assimiladas que já não são mais percebidas como corpo estranho. Nisso reside, creio eu, um grave perigo. Husserl, de todos os pensadores modernos, é aquele que mais se afasta da base ocidental da nossa civilização, na boa fé de estar firmemente localizado nela. Ficou horrorizado ao verificar que consequências surgiram do seu pensamento, e como foi traído pelos seus colaboradores mais íntimos, por Heidegger, por exemplo. Não se trata, no entanto, de traição, trata-se de uma consequência necessária e em tese previsível.

Não vamos ~~tempo~~ perder tempo na tentativa de analisar a influência da fenomenologia sobre o pensamento moderno. Ela é tão profunda que surgirá futuramente em todas as nossas discussões de não importa que fenômeno da atualidade. O existencialismo heideggeriano, sartriano e jaspersiano são variações do tema husserliano, e também o logicismo formal, e também as camadas de Hartmann. E a psicologia Jungiana lhe deve o essencial, o id, e a poesia, a pintura, quem sabe até a música moderna. E as especulações místicas dos posthitlerianos, em seu afastamento da base cristã, são husserlianas. E as tentativas atuais de salvar o materialismo marxista são fundadas na fenomenologia. Até a teologia protestante se baseia sobre certos métodos da fenomenologia.

Portanto Vocês compreenderão porquê fiz este excursão. Continuarei, futuramente, no meu caminho da discussão de conceitos, pois creio que a nossa discussão será enriquecida pelo conhecimento, se bem que muito superficial, que teremos da fenomenologia.